

# O dia em que as cabeças quase rolaram

Marcio Di Pietro

"A comida, basicamente, era carne de macaco que os Suyá e os Kajaby caçavam. Na realidade, estes animais foram os grandes perdedores nesta história toda. Era a caça mais abundante, mais fácil e teve dias, durante o período em que estivemos prisioneiros, que os índios chegaram a abater em torno de 25 a 30 macacos. Em outra situação, em tempos normais, eles teriam procurado capivaras, antas, ou veados. Mas, mobilizados durante 42 dias para a guerra, tensos, preocupados com uma possível invasão, as roças abandonadas, só restava mesmo, além dos peixes, lançar mão dos macacos que andam em grandes grupos e são facilmente abatidos. Por isto, deve ter havido um grande desequilíbrio na família daqueles animais».

Esta declaração é de Cláudio Romero, um paulista de Piracicaba, 32 anos, antropólogo, atual Diretor do Parque Nacional do Xingu, que, juntamente com 8 funcionários da FUNAI, que trabalham naquela área, e mais três pessoas residentes em Brasília, durante várias semanas, foi prisioneiro dos índios xinguanos, na bonita e distante aldeia do Kretire.

**M**atar os prisioneiros, cortar suas cabeças, pintar e enfeitar os crânios para uma grande festa faz parte da cultura dos índios Kajaby, habitantes do Parque Nacional do Xingu, uma extensa área onde vivem 17 nações constituídas por 2 mil 666 índios e onde se falam 9 idiomas diferentes.

Com o passar do tempo, a tradição foi perdendo força, mas não foi esquecida de todo. A última cabeça que os Kajaby conseguiram para este tipo de festa foi em 1973. Agora, no recente episódio do Xingu, por falta de "tato ou falta de seriedade em tratar assunto tão delicado, por parte do ex-presidente da FUNAI" conforme declarações de muitos antropólogos, por pouco não se repete o ocorrido há 13 anos passados. Só que no lugar de uma cabeça, os Kajaby teriam várias para a sua festa — felizmente, isso não aconteceu.

Apesar disso, durante várias semanas, os reféns da aldeia de Kretire sentiram que o trágico episódio poderia ocorrer a qualquer momento. Esta era uma disposição de alguns índios que não se preocupavam em esconder tal intenção. Com a conquista de 15 quilômetros de terra e mais a área do Kapoto — um local sagrado que os índios dizem ser para eles "igual ao que o céu é para os brancos" — a paz voltou a reinar no Xingu — pelo menos até o dia em que "os brancos mostraram, mais uma vez, que não são homens de palavra".

Neste depoimento exclusivo ao *Jornal de Brasília*, Cláudio Romero, Diretor do Parque Nacional do Xingu, escolhido pelos próprios índios para tal cargo, grande conhecedor dos problemas da região, fala os idiomas xavante, tupi e kaiapó, diz quais foram os motivos que geraram a crise no Xingu, a prisão de algumas pessoas na aldeia, os perigos e os momentos de angústia por elas vividos e o que será daquela área daqui para frente:

— No mês de fevereiro, o ex-presidente da FUNAI, Otávio Ferreira Lima, solicitou que fosse convocada uma reunião com os fazendeiros que tinham propriedades na margem direita do rio Xingu (na faixa de 15 quilômetros pretendida pelos índios desde 1971) e os índios do Parque Nacional. Isto foi em consequência de conversações anteriores ocorridas no dia 10 de dezembro do ano passado, onde os líderes da área exigiam uma solução para o problema, há muito adiada. Para que a tal reunião fosse possível, coube a mim entrar em contato com a Associação dos Fazendeiros e acertar a data do encontro para o dia 20 de março passado. Eles concordaram e eu comuniquei, pelo rádio, à FUNAI em Brasília. Com o então presidente ficou acertado o seguinte: reunião com os fazendeiros em Brasília onde, também, participariam três lideranças do Xingu. Tratava-se de Raoni, Krumari e Kramari. No dia 24, depois do encontro na capital, ele faria uma reunião no Posto Indígena do Kretire, onde mora o Raoni, com todas as lideranças indígenas da área. Não ocorreu nada disso. O presidente da FUNAI alterou tudo. No dia 12 de março, sem comunicar à direção do Parque, fez uma reunião com os fazendeiros, em Brasília. Naquele dia, casualmente, estava na

capital o índio Mararê, chefe do P.I. do Diavarun. Nem ele foi convidado para a reunião, que terminou sendo somente entre fazendeiros, o presidente e o diretor de terras da FUNAI. Eles decidiram, ninguém sabe como, que a terra não era dos índios, mas sim dos fazendeiros. Naquele mesmo dia, pelo rádio e pelo Mararê, soubemos do ocorrido. Foi o motivo que gerou um ambiente de tensão muito grande entre as comunidades. No dia 13 eu — que vivo no Parque, mas distante de Kretire — me desloquei para lá, afim de conversar com as lideranças. Expliquei para Raoni e demais caciques que se o presidente da FUNAI tinha dito que a terra não era deles, só poderia ser a mando de alguém, já que ele não tinha autoridade para demarcar terras. Disse, também, que deveríamos aguardar a vinda dele no dia 24, conforme combinado, e cobrar dele essa posição. Se ele confirmasse, então, os caciques deveriam ir à capital e solicitar ao Ministro do Interior a posse das terras. Fiz o mesmo trabalho junto ao P.I. Jarina e obtive das lideranças a promessa de que os índios aguardariam a vinda do presidente, conforme fora combinado, no próximo dia 24. Apesar disso, notei que eles já estavam revoltados.

— Para complicar ainda mais, diz Cláudio Romero, em seguida, na pequena localidade conhecida como São José do Banguê-Banguê, fazendeiros confirmaram a mim e a Raoni que realmente tinham ido a Brasília e que o presidente da FUNAI tinha dito que a terra não era dos índios. Mesmo tristes, eles ainda viam a hipótese de seguirem para Brasília, falarem com o Ministro do Interior e, no lugar de 15 quilômetros, aceitarem apenas 5 quilômetros. De qualquer maneira, antes do dia 24, data marcada pelo presidente da FUNAI para o grande encontro, nada poderia ser feito. A decisão tinha que ser comunicada por ele. Acontece que ele não foi e, a partir daquela data, nossa vida passou a correr perigo e os índios se prepararam para a guerra.

**Preparados para a guerra, a vida dos reféns corre perigo**

O antropólogo e diretor do Parque, Cláudio Romero, pela sua longa experiência com os índios, — trabalha com eles desde 1975, quando então foi Coordenador do Plano de Desenvolvimento da Nação Xavante, época em que o atual deputado Mário Juruna era cacique da Aldeia de Namuncurá — sentiu que se tratava de uma séria decisão. Agora, tudo estava nas mãos do presidente da FUNAI. Se ele não comparecesse à reunião marcada, as consequen-

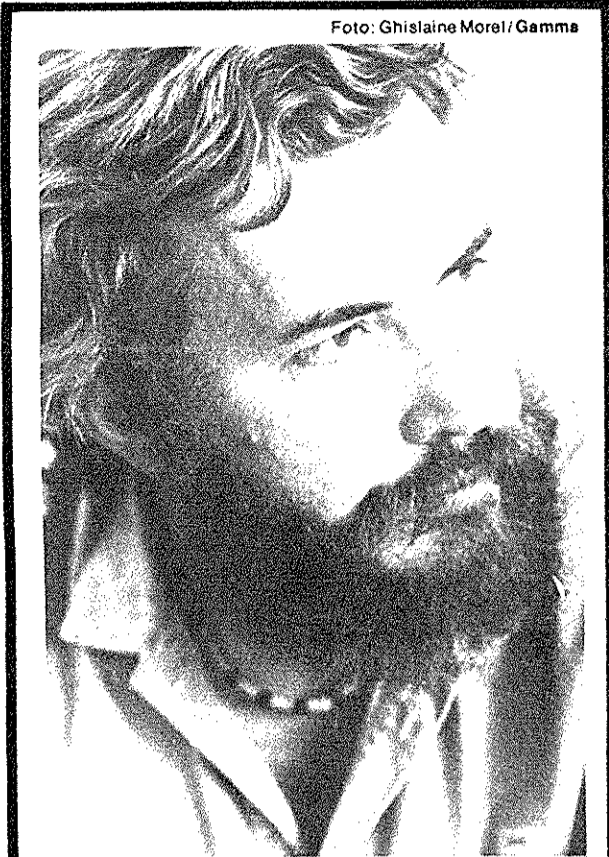


Foto: Ghislaine Morel/Gamma

"Quando cheguei, os Kajaby e os Suyá já tinham deixado Sidnei sem roupa e quebrado os óculos. Do Lamartini e do Grossi tinham tomado os relógios. Só não aconteceu o pior, só não foram mortos, porque o Megaron, que é bastante calmo não permitiu uma tragédia"

cias poderiam ser imprevisíveis. Ele conta:

— No dia 23 de março, véspera da reunião, já estavam no Posto Indígena Kretire 33 líderes indígenas do Xingu. Muitos tinham viajado 8 ou 9 horas de barco, deixando suas roças — estavam em plena colheita do arroz e do milho — para participarem da reunião com o presidente da FUNAI. Por volta das 11 horas da manhã o Raoni, cacique dos Txucarramãe (Metuktiré), solicitou que passássemos um rádio para Brasília para que fosse confirmado em que Posto Indígena o avião da FUNAI iria aterrissar. A resposta chegou às 14h30m. Respondendo ao nosso rádio, o Presidente da FUNAI disse que não iria mais e que não tinha data prevista para o encontro. Quer dizer: cancelou pura e simplesmente a reunião. Foi uma enorme decepção. Os índios estavam na expectativa para dialogar. Queriam inclusive, fazer uma grande festa ao presidente. Já tinha saído dois barcos para uma grande pescaria. Haveria muito peixe moqueado. A resposta, cancelando a reunião deixou os índios com sua dignidade ofendida. Afinal de contas, tratava-se de chefes indígenas, de grupos indígenas, considerados chefes de Nações que foram tratados, conforme disse Raoni, "como meninos". A revolta foi grande. Em menos de uma hora, eles foram para a Casa dos Homens, no centro da aldeia e começaram a falar duro, dizendo que iriam queimar fazendas e abrir picadas. Era sexta-feira. Eu fui ao povoado de São José, acompanhado dos caciques dos Suyá e dos Kajaby, para falar com Brasília através do rádio do seu Jerônimo dos Santos, proprietário de uma casa de comércio que vende para a gente. Apesar das tentativas, via rádio, não localizamos o dr. Lamartine Ribeiro, Superintendente da FUNAI. Foi então que entrei em contato com o Marcos Terena solicitando a ele que localizasse, com a maior urgência, o dr. Lamartine ou o presidente da FUNAI comunicando que o cancelamento da reunião tinha gerado um clima de tensão muito grande. Quando tentávamos voltar à aldeia, vimos que os índios já

tinham aprisionado a balsa que faz a ligação da BR 80, e que os fatos tomavam um rumo inesperado. Na condição de Diretor do Parque só me restava continuar a comunicação com Brasília e tentar encontrar uma solução para o caso. E isto foi feito sem qualquer resultado. Entre as várias comunicações pelo rádio o presidente da FUNAI alegou que a balsa era um assunto extra-Funai e que qualquer consequência sobre o episódio seria responsabilidade minha. Eu disse que os índios esperavam por ele e que sua presença resultaria na libertação da balsa, respondeu que só iria se a balsa fosse libertada e pedia aos índios que tivessem bom senso. Falei, inclusive, da minha preocupação pois temia que eles saíssem da área da reserva. Para concluir, afirmo que somente iria lá depois da libertação da balsa e que a FUNAI não tinha mais nada a ver com o caso, porque tinha estrapalado a esfera da FUNAI. Eu discordei, pois o problema do índio é da FUNAI e não da polícia. A ela compete prestar ótimos serviços — como tem feito — ao índio, quando solicitado pela FUNAI. No dia 25, domingo, o dr. Otávio passa um rádio me ameaçando de demissão. Eu já não podia fazer mais nada. Já era prisioneiro da Aldeia de Kretire.

**Chegaram os enviados da FUNAI, aumenta a tensão e quase ocorre um massacre.**

O Diretor do Parque, Cláudio Romero, diz que a chegada dos enviados da FUNAI aumentou a tensão e que se não fosse o índio Megaron, sobrinho de Raoni, poderia ter havido uma tragédia. "Ao receber a comunicação que estava preso e que não poderia, juntamente com 8 funcionários da FUNAI — tinha duas crianças — deixar a aldeia, ainda comuniquei, via rádio, a situação e falei com o presidente do risco de vida que estavam correndo. Alguns índios já falavam em usar nossas cabeças para a festa — uma tradição na aldeia Kajaby, coisa do passado mas que já ocorreu em 1973. Megaron, o grande mediador, estava de luto em consequência da morte de sua esposa. Não poderia se ausentar da casa de sua mãe, tinha que permanecer deitado, isolado, meditando. O jeito foi apelar para ele nas negociações, inclusive entre Brasília e Kretire, via telefone em São José do Xingu ou rádio da FUNAI. A partir do dia 26 fui proibido de operar rádio. Antes disso, fiz contatos com o Diretor do Departamento de Assistência ao Índio, dr. Carlos Grossi, expondo a situação e pedindo que o presidente fosse ao Kretire. Ainda havia um clima contornável. Entretanto, o coronel Gomes e o dr. Grossi se precipitaram. Comunicaram às lideranças, sem a nossa presença, da possibilidade da ida do dr. Lamartine. Eles não aceitaram e dizem que conversaram apenas com o presidente. Ai surge o impasse, a convocação da



Para um final que se encaminhava para o corte de cabeças dos prisioneiros da FUNAI, o abraço final com uma conversa de pé-de-ouvido entre o ministro Andreazza e Raoni até que não foi ruim

Polícia Federal e Estadual — que tratou muito bem os índios — e a longa espera. Um dia, pelo rádio, a FUNAI comunica que mandaria o sertanista Sidnei Possuelo para as negociações. Isto gera uma revolta muito grande entre os índios Kajaby e Suyá que já tinham se desentendido com Sidnei quando ele trabalhou no Parque. Megaron passa um rádio comunicando da não aceitação. Mas, foi em vão. Pelos rádios que eram ouvidas no Xingu, entre elas a Globo e Bandeirantes, os índios tomam conhecimento da ida de uma comissão — o que causou um mal-estar ainda maior. Na sexta-feira, dia 13, chega Sidney Possuelo, Assessor de Otávio Ferreira Lima, Lamartine Ribeiro, Superintendente, e Carlos Grossi, Diretor da FUNAI. Até São José do Banguê-Banguê, eles foram de avião, depois com uma condução emprestada. Eles pretendiam manter conversações paralelas com Raoni, Megaron e Krumari. Foi o grande erro. O movimento foi de 17 Nações e todas as lideranças do Parque participavam de qualquer decisão. Foi uma união de todos aqueles povos na conquista de suas terras, reivindicadas há muito tempo. No Posto Indígena Vigilância os negociadores foram presos. Me levaram para lá. Quando cheguei, os Kajaby e os Suyá já tinham deixado Sidnei sem roupa e quebrado os óculos. Do Lamartine e do Grossi tinham tomado os relógios. Possuelo se vestiu para, logo em seguida, ser despedido novamente por alguns índios. Só não aconteceu o pior, só não foram mortos, graças à interferência de Megaron que é bastante calmo e não permitiu uma tragédia. Mas eles correram sério risco de vida e nós também. Os índios, quando matam um branco e, por ventura, junto com ele tiver outros, eles sofrem o mesmo destino. Não se salva ninguém. Depois disso, fomos levados ao Kretire, onde permanecemos todos presos do dia 13 de abril ao dia 2 de maio. A partir deste dia, somente com as prisões do pessoal da FUNAI é que o ex-presidente Otávio Ferreira Lima se preocupou com a vida dos reféns. Antes, não tomou qualquer atitude. Ele tratou com total falta de seriedade a questão. Desde o desrespeito aos índios, cancelando a reunião importante, à questão da terra que sempre foi um direito deles, até com nossas vidas. Nós ficamos detidos nas dependências do Posto Indígena, naquela área. Tomávamos banho de rio e almoçávamos e jantávamos na casa de um índio, quando eles vinham nos chamar. O pessoal da saúde, enfermeiras e dentistas, é que podiam circular pela aldeia atendendo os índios doentes. Os funcionários da FUNAI que moravam naquele Posto dormiam em suas casas e nós, todos juntos, na casa do P.I. A alimentação basicamente era carne de macaco, peixes, farinha e arroz. Eles é que faziam a comida para a

gente. Vivemos momentos dramáticos, vendo os índios pintados para a guerra e dispostos a tudo. Mais de uma vez sentimos que nossas vidas estavam em jogo. Alguns índios sugeriram usar nossas cabeças para uma festa que faz parte da cultura de uma daquelas tribos. Eles estavam nervosos, e com razão. Tensos mesmo. Acordavam muito cedo e dormiam pouco, praticamente sempre de plantão. Temiam uma invasão por parte da FUNAI. Uma vez chegaram a nos transferir para outro local acreditando que poderíamos ser retirados à força. Deixáramos de ser reféns. Isto ocorreu quando um índio, chefe de aldeia no Pará, área de grande garimpo, conhecido como "Coronel Pombo", e que tem um avião particular, resolveu ajudar na questão. Ele ia muito para lá, tentando ser mediador.

Os índios chegaram a pensar que ele poderia nos retirar com seu avião. Agradeceram a boa vontade, explicaram que se tratava de índios do Mato Grosso, outra região, e pediram para que ele não retornasse neste período. Sem dúvida alguma, vivemos momentos dramáticos. Quem conhece a problemática e sabe do comportamento dos índios, homens de palavra, que não abrem mão dos seus direitos, pode avaliar o que passamos. Devemos muito ao Megaron, índio tranquilo, ponderado, que contornou todas as situações. Felizmente tudo foi resolvido e os índios conseguiram aquilo que é deles de direito. Certamente haverá uma grande festa no Xingu. Daqui para a frente esperamos que as pessoas, principalmente os respon-

sáveis pelas populações indígenas, entendam que o índio de hoje é um indivíduo diferente. Ele está bem formado, muitos alfabetizados, alguns cursando universidade, exercendo certas profissões e mais unidos do que nunca. Eles têm inclusive um representante no Congresso Nacional, o deputado Mário Juruna, que teve um papel importantíssimo no episódio. O índio de hoje sabe de todos os seus direitos e como reivindicá-los. Não mais abrirá mão disso. Eles exigem respeito às suas vidas, às suas terras e à sua cultura. Quem viver em paz e com todo o respeito. Pelo menos, que todo o acontecido, inclusive as prisões que colocaram em risco muitas vidas, sirva de lição. Ninguém mais consegue enganar o índio".

Depoimento a Mariene Anna Galeazzi



Raoni e Megaron

Juruna e Megaron: agora o governo entende porque os brasileiros escolheram para o Congresso Nacional um "silvícola exótico"

## No Coração de Brasília, St. Paul.



- Apartamentos e Suites de alto nível
- Sistema de Vídeo-Cassete
- Piscina, Clube Privê, Bar e Restaurante
- Serviços internos com atendimento personalíssimo

**St. Paul**  
PARK HOTEL

Reservas 226 1515  
Setor Hoteleiro Sul, Quadra 02



# Quem constrói com amor, é mais experiente.



Engenharia, Comércio e Indústria

## MENDONÇA TAPETES E CARPETES

apresenta:  
**OS COLUNÁVEIS**

tapetes São Carlos  
Azulejos artesanais Domus e Armários Tapetes TABACOW  
Orçamento sem compromisso O prazo de pagamento quem faz é você.  
**Tapetes BANDERANTES**  
CLS 413 Bloco D - Loja 36 - fone: 242-2255  
Park Shopping Loja 228 fone: 233-0525